

Sumário Executivo Workshop de Especialistas: Indicadores Georreferenciados e Megafone na Escola

Outubro, 2010

Local: CCBB – RJ



O evento:

Abertura: Beatriz Azeredo – Diretora do Instituto Desiderata

PARTE 1 - Oficina de Indicadores: apresentação dos indicadores para o segundo segmento do Ensino Fundamental, construídos por Região Administrativa do Rio de Janeiro, e validação com a Secretaria Municipal de Educação – apresentação de Elvis Bonassa da Kairós Desenvolvimento Social;

PARTE 2 - Megafone na Escola – discussão sobre os resultados da pesquisa participativa realizada em 39 escolas de segundo segmento do município do Rio de Janeiro. Apresentação conjunta: Ana Lima, diretora do Instituto Paulo Montenegro; Kátia Edmundo, Coordenadora Geral do Cedaps; Ilana Eleá, professora da PUC; Beatriz Azeredo, Roberta Costa Marques e Joana Milliet, do Instituto Desiderata.

Participantes: 6 representantes da Secretaria Municipal de Educação, dentre eles o Subsecretário Rafael Parente, Ação Educativa, Cedaps, Cenpec, Instituto Desiderata, Instituto Paulo Montenegro, Kairós Desenvolvimento Social, Novamérica, Puc-Rio, UFRJ e Multirio.

O Instituto Desiderata promoveu no dia 5 de outubro de 2010 no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, um encontro com especialistas da área de educação, em especial acadêmicos, organizações sociais e gestores públicos. “O segundo segmento é o foco de duas estratégias que fazem parte da agenda de hoje: dar visibilidade aos indicadores georreferenciados por região administrativa do Rio de Janeiro, colocar a lupa nos indicadores com os novos dados do Censo Escolar 2009, e ao mesmo tempo debater sobre o Megafone na Escola, uma ação que já está sendo feita na rede municipal da cidade”, explica Beatriz Azeredo, diretora do Desiderata.

PARTE 1: Apresentação dos Indicadores de Segundo Segmento

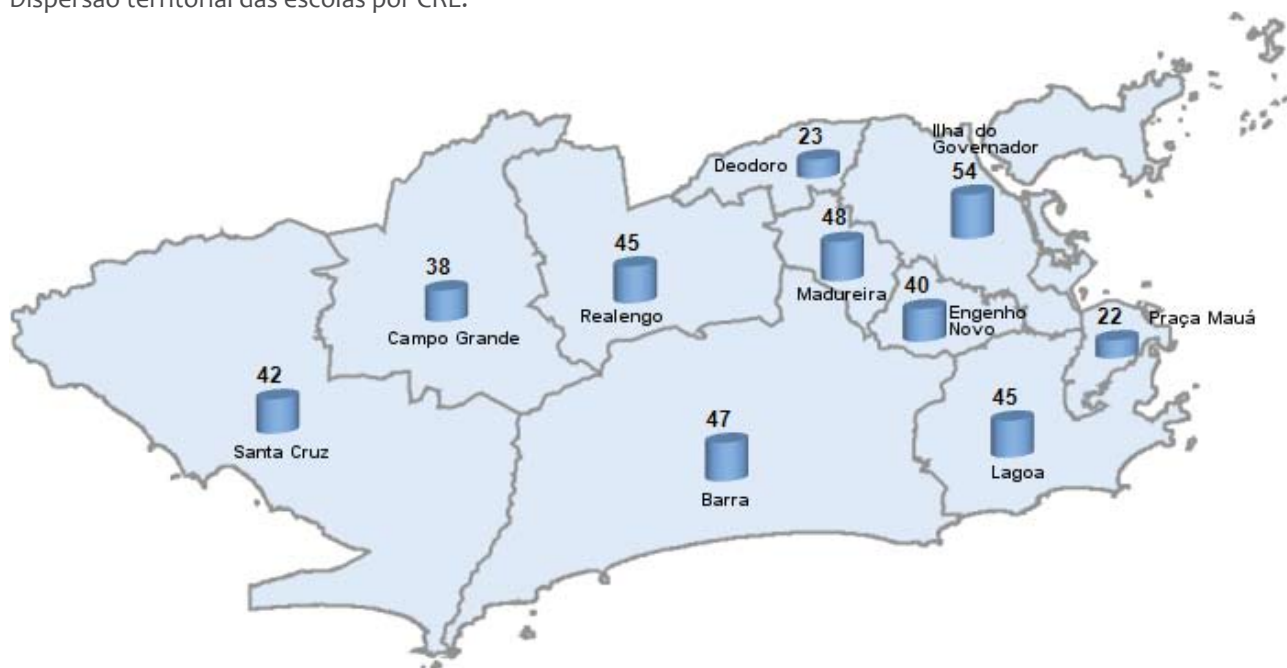


Elvis Bonassa – Kairós Desenvolvimento Social

Elvis inicia sua fala explicando o foco da análise, encomendada pelo Desiderata, no segundo segmento, do 6º ao 9º ano, para o período de 2009, e utilizando basicamente como elementos de análise: matrículas, rendimento e evasão/abandono, IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, equipamentos existentes e territorialização por CRE e RA; a partir das seguintes fontes: Secretarias Municipal e Estadual, INEP (Censo Escolar), IPP – Instituto Pereira Passos e IBGE.

“Pelo menos duas regiões não possuem escolas com segundo segmento.”

Dispersão territorial das escolas por CRE:



Quando abrimos o número de escolas por RA, percebemos que pelo menos duas regiões não possuem escolas com segundo segmento e Complexo do Alemão, Ilha de Paquetá e Santa Teresa, tem uma ou duas escolas que oferecem este ensino.

A análise da cobertura por RA é mais adequada para ver gaps de atendimento. Para ver isso, pegamos a matrícula final de 2009 (aprovados, reprovados e abandono) e comparamos com uma projeção da população de 11 a 14 anos nas CREs e RAs, que pode dar sinais da distribuição de população e de vagas na cidade do Rio de Janeiro.

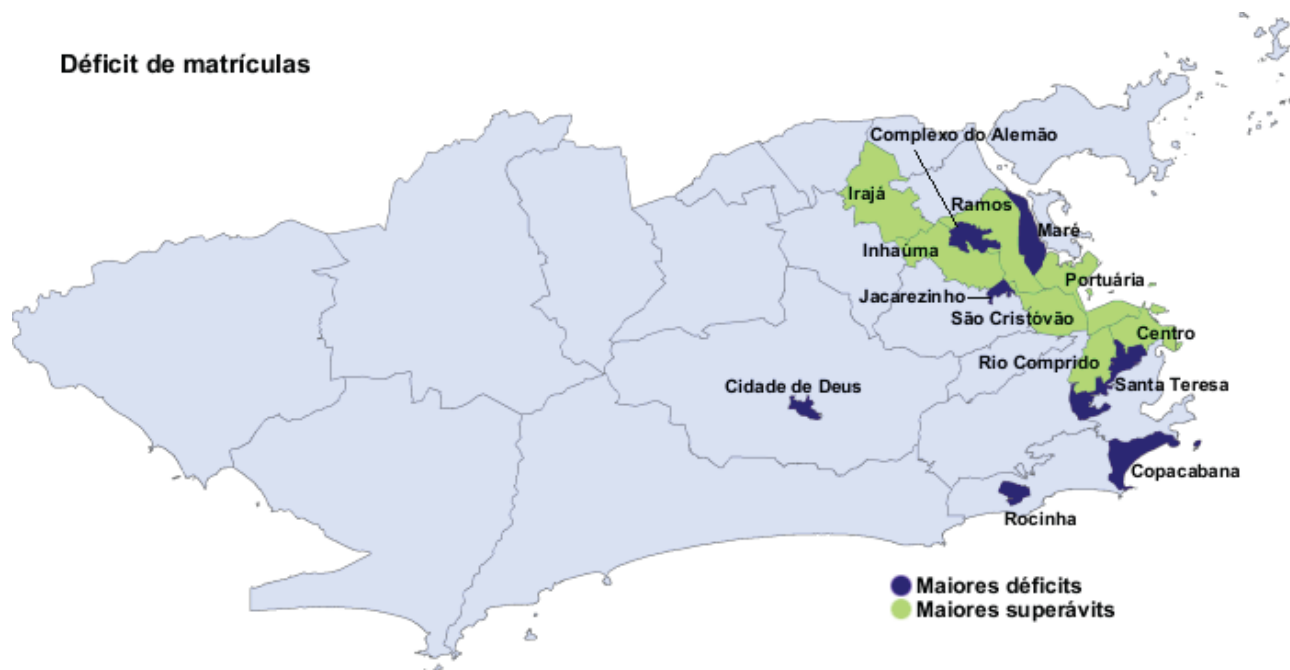
A comparação tem apenas o objetivo de apontar grandes linhas de disparidade, pois:

- Não considera a escolarização líquida (matrícula com idade adequada);
- As projeções populacionais para 2009 são frágeis;
- Não dispomos dos endereços dos alunos;
- Apenas nesse caso, consideramos todas as redes de segundo segmento. Todos os outros dados são apenas para a rede municipal.

O que podemos observar:

- Entre as CREs não se verifica grande disparidade de atendimento;
- Ao analisarmos as RAs, no entanto, grandes diferenças aparecem. Isso não significa que há enorme contingente fora da escola, mas que muitos estudam longe de onde residem.

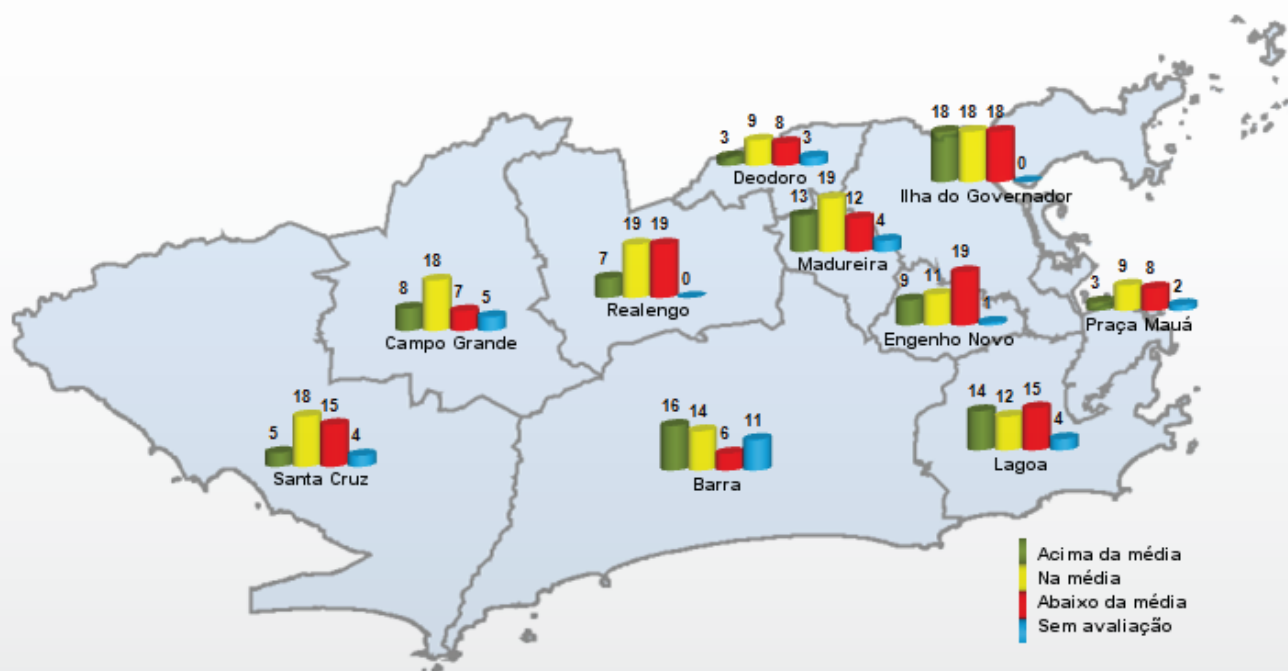
Déficit de matrículas



O IDEB do segundo segmento do ensino fundamental no município do Rio de Janeiro em 2009 foi 3,6. Foi considerada a média da cidade do Rio de Janeiro, entre 3,3 e 3,9. O gráfico a seguir mostra situação do próprio território e o peso do território em relação à cidade.

Das 404 escolas estudadas:

- 96 ficaram acima da média (23,76%)
- 147 ficaram na média (36,39%)
- 127 ficaram abaixo da média (31,44%)
- 34 não tiveram avaliação (8,42%)



Quando analisamos as escolas pelo seu número de alunos matriculados mostramos o peso do território no contexto da cidade e percebemos que **quatro CREs (Realengo, Santa Cruz, Ilha do Governador e Engenho Novo) respondem por mais de 50% de todos os estudantes da cidade que estão em escolas com IDEB abaixo da média**; esse dado pode ser usado para definição de prioridades de ação, mas deve levar em conta as desigualdades internas (RAs). Quando olhamos essas CREs por RA, percebemos que, por exemplo, de toda a Ilha do Governador, o que está impactando o número de alunos abaixo da média, são Ramos e Inhaúma apenas. O mesmo ocorre com a CRE de Realengo onde Bangu concentra o maior número de alunos em escolas abaixo da média.

Verificamos as metas do IDEB:

- Das 404 escolas estudadas, 260 (equivalentes a 64,36% do total) não atingiram as metas previstas para os resultados do IDEB-2009;
- Apenas uma em cada quatro escolas atingiu a meta (103 escolas);
- Para 41 escolas (10,15%) não havia metas;
- O cumprimento das metas do IDEB sofre influência do fim da progressão continuada, que tinha a reprovação zero.

Olhamos também qual é o aproveitamento esperado para os alunos ao final do segundo ciclo, na Prova Brasil. Foi utilizada a pontuação mínima, estabelecida pelo Todos Pela Educação e utilizado pelo Ministério da Educação, como adequada a cada série: Língua Portuguesa: acima de 275 pontos. Matemática: acima de 300 pontos.

- Apenas 10 escolas conseguiram média em língua portuguesa que atingiu o nível esperado para o segundo segmento e nenhuma escola atingiu o nível esperado em matemática.

Para os dados de rendimento e situação encontramos:

- Os índices de reprovação são superiores a 20% em todas as CREs. O **pior** índice é de Realengo (26,65%) e o **melhor**, da Barra (20,03%);
- O fato significativo é que a **reprovação tem grande concentração no 6º ano**: cerca de 40% de todas as reprovações do segundo ciclo ocorrem nesse momento;
- A análise por RA mostra disparidades intraurbanas ainda mais significativas: vai de 11% em Paquetá e 15% na Barra para 39% no Complexo do Alemão e 53% em Santa Teresa.

Abandono/ evasão:

- Os índices de **evasão/abandono** variam de 1,66% em Madureira a 5,09% em Santa Cruz, no total do 6º ao 9º ano;
- De um modo geral, como na reprovação, há maior concentração no 6º ano;
- No entanto, em algumas CREs, como Barra da Tijuca e Praça Mauá, o 9º ano também apresenta piora do indicador e constitui na média o segundo pior ano para a evasão.
- Quando analisamos por RA, os índices de evasão/abandono variam de zero em Santa Teresa e 0,94% no Complexo do Alemão, a 5,78% em Santa Cruz e 6% na Maré;
- Em 11 RAs, a evasão/abandono no 9º ano supera o índice do 6º ano.

Indicador de **não aprovação (soma de abandono/evasão e reprovação)**:

- **Reaparecem** Santa Cruz, Campo Grande, Bangu e Ramos entre as áreas que concentram o maior número de estudantes não aprovados;
- Se pensarmos um tipo de ação focada para melhorar, a partir de causas identificadas, de 4 RAs da cidade, o impacto disso atinge mais de 50% do resultado total da cidade do Rio de Janeiro.

Com relação às **escolas com os dois segmentos ou com apenas o segundo segmento**, não houve variação significativa no rendimento das escolas, com resultados levemente superiores nas escolas com apenas o segundo segmento. **Com relação a equipamentos**: a existência de biblioteca, laboratório de ciências e/ou Internet para uso dos alunos não mostrou impacto significativo nos resultados.

Questões importantes a aprofundar e, para isto, ter acesso a dados que possam permitir:

- Análise do corpo docente (rotatividade, faltas, formação) para verificar correlação com desempenho escolar;
- Correlação com fatores sociais (ainda inconsistente, pois não há correspondência exata entre o local onde o aluno estuda e seu local de moradia);
- Necessidade de análise por local de moradia dos estudantes (em SP, a Secretaria Estadual tem fornecido esses dados).
- Pensar ações de políticas públicas e garantia de direitos de maneira integrada com as diferentes políticas, ou a escola não conseguirá nem dar conta da evasão, que é um problema da escola, mas também é uma questão do território.
- O Censo 2010 que ainda vai ficar pronto vai permitir fazer diversos cruzamentos.

Para finalizar, a proposta do Desiderata é identificar um conjunto fixo de indicadores para poder monitorar ano a ano. Este tipo de monitoramento não aponta as causas dos problemas, mas abre a necessidade de discussão. A evasão escolar pode ter uma causa diferente em cada região.



Beatriz Azeredo – Diretora do Instituto Desiderata

É tentador discutir ações e estratégias para resolver os problemas, mas queria convidar a todos a refletir sobre os dados nesse momento, as perguntas são: quais os indicadores que valem a pena melhorar e monitorar? Que outros não estão aqui e poderiam estar? Em que medida a SME tem outras informações que poderiam contribuir a ler esses dados? Como podemos aumentar a capacidade de entender o que está acontecendo para avançar nas ações?

“A questão da qualidade e equidade é o que precisa estar no centro da discussão.”

A questão da qualidade e equidade é o que precisa estar no centro da discussão. É o que precisa estar e está iluminando o Desiderata a pensar o trabalho. O que pode ser feito para a rede como um todo? É difícil pensar em algo para todas as escolas ao mesmo tempo por conta do tamanho da rede, mas não pode deixar de estar no centro da mesa. O que gera impacto para todos? Em que medida o Megafone na Escola, que foi feito em 39 escolas, pode criar um pacto de todas as escolas em torno de um indicador que não cubra as desigualdades?



Maria do Carmo Brant – Coordenadora geral do Cenpec - SP

Estamos fazendo uma pesquisa similar a essa em São Miguel Paulista em São Paulo, com dados geoprocessados. Os serviços sociais públicos são muito poucos em relação às regiões mais abastadas. E dentro da periferia também tenho diferenças nesse número. Para ter um termômetro da saúde da educação, o indicador de existência de outros serviços públicos também é muito importante. Outro indicador que achamos extremamente importante: **reprovação**. Criamos com base no Censo Escolar um **índice de capital cultural**, que é composto por: escolaridade da mãe, se na casa da criança tem livros, computador etc. Aonde temos escolas com número menor de alunos, os indicadores são melhores. Talvez escolas de apenas 6º ao 9º sejam um pouco melhores porque pode-se trabalhar especificamente

“O indicador de existência de outros serviços públicos também é muito importante.”

com adolescentes, e talvez gere melhor eficiência da escola. Escolas mais homogêneas do ponto de vista socioeconômico ou heterogêneas também são um corte interessante de análise; e por fim, **o diretor**, que é um indicador importante, vimos que há dois extremos: o diretor que fecha a escola para a comunidade, mas põe foco na aprendizagem e tem melhores resultados no IDEB, ao passo que, escolas com pior desempenho no IDEB viraram uma instituição de assistência social, colocando em segundo plano a aprendizagem.



“Existe um imenso desafio que é lidar com a qualidade, com a equidade.”

Márcio da Costa – Professor da Faculdade de Educação da UFRJ

Parte do problema dos dados é a origem, que é o Censo Escolar, que permite trabalhar apenas no agregado e não por aluno. A análise quando agregar por CRE ou RA está de alguma forma escondendo a variabilidade dentro delas e dentro das escolas. Sabemos que se um aluno está atrasado, isso aumenta 70% a chance dele estar no turno da tarde. Quando trabalhamos com a média da escola, isso fica desconsiderado.

Dentro das regiões, existe um **fenômeno de “ecologia do mercado escolar”**, onde as escolas funcionam como vasos comunicantes, de forma que uma escola boa que faz uma seleção social, só pode existir se outras não podem fazer seleção. É criado então um sistema de compensação que funciona no acesso e no processo, compondo escolas de gueto com alunos muito semelhantes dentro das escolas. Isso é ruim para o aluno.

Além disso, **há uma sobreposição de indicadores**: o aluno mais pobre tende a freqüentar uma escola de pior padrão, a estar em um bairro com menos serviços públicos, a ter uma família com menos escolaridade. Portanto, quando usamos o Censo escolar isso fica limitado, pois não permite colocar pesos diferenciados e em associação uns aos outros.

Com relação ao balanço das políticas sociais e educacionais, a tendência é sugerir que as políticas sociais têm muito mais impacto sobre a educação do que as políticas educacionais. De qualquer forma, na área de educação há muito a ser feito

Aqui no Rio, **escolas com menos alunos tem melhor desempenho. Toda a estatística educacional vai contrária, pois as escolas consideradas melhores são mais procuradas e então são mais lotadas.**

Todos os indicadores educacionais são mais sensíveis aos indicadores sociais do que educacionais. No entanto, o Brasil é o país onde se encontra o efeito da escola mais alto do mundo. Talvez porque a diferença entre nossas escolas é mais acentuada que no resto do mundo. Vale levantar que quando falamos de qualidade, é indispensável falarmos em equidade. **Por exemplo, quando trabalhamos com uma meta, que é uma média, existem artifícios que facilitam alcançar uma média de desempenho. Qual seria o melhor procedimento para uma direção atingir essa média?** Algumas escolas têm a possibilidade de fazer uma seleção de alunos. Isso é qualidade de verdade? Até que ponto aquela escola é boa porque ela tem mais alunos de nível socioeconômico elevado? Existe um imenso desafio que é lidar com a qualidade, com a equidade, **porque não existem políticas preocupadas com essa questão no Brasil em geral.** A dimensão territorial, por exemplo, é muito mais segregadora que todo o resto. A política de distrito escolar pode causar um efeito perverso, que é melhorar a qualidade à custa da equidade.



Ana Helena Altenfelder – Cenpec - SP

Lá em São Miguel Paulista observamos que alunos que moram no mesmo território, mas que fazem deslocamento tem nota na Prova Brasil superiores do que alunos que permanecem no território nas “escolas de gueto”. O que impulsiona aquele aluno a sair do seu território para buscar outra escola? Usamos também o IPVS – Índice paulista de vulnerabilidade social e usamos o raio de 1 km da escola para montar essas informações. Nas escolas de gueto são mais acentuadas várias questões que contribuem para serem as piores, como a falta de professores. Quando o professor trabalha em mais de uma escola e precisa faltar, ele escolhe faltar na pior escola.

“Nas escolas de gueto são mais acentuadas várias questões que contribuem para serem as piores”



Ricardo Petracca – MultiRio

É importante ver qual a interface que a escola faz com a comunidade, pois daí pode surgir novos significados dos dados. Os dados isolados nos dão base, mas o significado vem do cruzamento. Saber a permeabilidade da escola na comunidade e a relação dos professores com a tecnologia e mídias em geral pode revelar algumas coisas interessantes. Além disso, a direção faz diferença, desde manter o laboratório fechado até abrir a escola como um todo.



Jurema Holperin – Secretaria Municipal de Educação - SME

Gostaria de agradecer essa parceria com o Desiderata que revelou esses dados e dizer que temos sim como disponibilizar informações que possam contribuir para um diagnóstico mais preciso daqui em diante. A relação entre CRE e RA tem questões que podem ser mais aprofundadas. Com relação a fala de que o que mais influencia na educação é a política social e não educacional, eu tenho ressalvas. A equipe escolar, a gestão e o comprometimento do professor no fazer pedagógico é que faz com que a escola tenha uma boa educação.

“A equipe escolar, a gestão e o comprometimento do professor no fazer pedagógico é que faz com que a escola tenha uma boa educação.”

No caso do IDEB, tivemos a progressão continuada durante um tempo e após a sua suspensão, o número de reprovação impactou negativamente o índice do Rio de Janeiro. Seria interessante pegarmos apenas com a aprendizagem, sem reprovação. No 9º ano, a Prova Brasil subiu em 2009. Com relação ao tamanho das escolas, escolas maiores são mais difíceis de trabalhar. Temos trabalhado para separar escolas de 1º ao 5º ano e 6º ao 9º ano.

Nos espaços de maior vulnerabilidade, com poucos serviços, temos o projeto Escolas do Amanhã para lidar especialmente com essas questões. Seria interessante destacar essas escolas, para analisarmos. Desde 2009, todas as escolas do amanhã de segundo segmento tem um laboratório de ciências, porém não apareceu ainda no Censo Escolar 2009.

A tensão da equidade e qualidade está presente, pois escolas podem pedir que alunos piores não venham à aula em dia de prova, para que os indicadores melhorem. O acompanhamento mais próximo permite verificar isso. Pela nossa experiência, a equipe de professores e a gestão fazem a diferença.



Kátia Edmundo – Cedaps

Gostaria de destacar o local de moradia, pois faz muito sentido quando pensamos no contexto da escola. Se uma mãe do Complexo do Alemão busca um deslocamento para colocar o seu filho em uma escola de outro local faz sentido. Na percepção dela, se ele continuar no mesmo universo cultural da vizinhança ele tem menos chance de progredir nos estudos. Faz toda a diferença, pois são complexos de favelas que chegam a quase 100 mil pessoas, num universo de violência urbana gigantesca, em locais sem nenhum serviço. Se avançarmos com os dados de local de moradia, isso faria muita diferença e merecia uma análise aprofundada.

“Se avançarmos com os dados de local de moradia, isso faria muita diferença.”



Marilse Araújo – Ação Educativa - SP

Com relação à equipe de professores, acho que as condições de trabalho também têm que ser verificadas para obter as correlações. Em São Paulo, quanto mais periférica a escola, pior a situação do professor: pior formação, mais novato, não aprovado em concurso, é o que começa nas escolas mais difíceis, maiores e com mais problemas. Temos que pensar como muitas vezes não podemos tratar igual aquele que é diferente. Os melhores professores deveriam ter incentivo para trabalhar em escolas que enfrentam maiores problemas.

“Temos que pensar como muitas vezes não podemos tratar igual aquele que é diferente.”



Sonia Maria de Almeida - SME

Com relação à utilização dos dados pelas escolas, faço parte da equipe de avaliação da SME e há mais de 15 anos acompanho avaliação de rede. Já promovemos levantamento de dados e fizemos a socialização deles com as escolas, em alguns momentos de forma ampla. E, infelizmente, a escola ainda tem muita dificuldade de transformar os dados em ações concretas. Acredito que ainda não chegamos no formato ideal de apresentação dos dados. A gestão é um propulsor de todo o movimento produtivo dentro da escola e quando tem essa marca consegue transformar os dados em ações concretas. Temos que pensar quais as possibilidades de envolver a escola de forma diferenciada para que a utilização dos dados pela escola possa fazer diferença no seu trabalho, pois é um trabalho duro e caro.

“Quais as possibilidades de envolver a escola de forma diferenciada para que a utilização dos dados pela escola possa fazer diferença no seu trabalho”



Elvis Bonassa – Kairós

Vamos incorporar as sugestões aqui trazidas para análise dos dados. Gostaria de esclarecer algumas questões: territorialização é fundamental, pois pode-se combater a desigualdade traçando planos que impactem as piores escolas, onde determinadas áreas a população está mais distante de serviços de garantia de direitos; análise das causas se dariam a partir da abordagem territorial, mas seriam necessários outros dados; no meu entender, o município vai utilizar essas informações para planejamento e ações, a escola sozinha não vai conseguir fazer ações concretas a partir dos dados.

“O município vai utilizar essas informações para planejamento e ações.”

PARTE 2: Megafone na Escola – apresentação dos resultados e discussão



Beatriz Azeredo

“A idéia era fazer um diagnóstico participativo, a partir da própria escola, pois a escola tem muito a dizer.”

O Megafone é uma iniciativa do Desiderata em parceria com várias organizações que o tornaram possível: Cedaps, IPM, PUC e Secretaria Municipal de Educação. A idéia era fazer um diagnóstico participativo, a partir da própria escola, pois a escola tem muito a dizer. Explorar potencialidades desse tipo de ação que é em si uma estratégia mobilizadora de professores e alunos dentro da escola. Outra questão é contribuir para reflexão e construção coletiva na rede municipal, que é a missão do Desiderata. Na área de oncologia pediátrica temos um trabalho com os gestores públicos de saúde desde 2005, na construção de uma política pública de promoção do diagnóstico precoce. Agora na educação estamos começando esse movimento. Os indicadores educacionais do segundo segmento são preocupantes e há poucos investimentos específicos privados e públicos, assim com estudos acadêmicos.

O Megafone foi composto de uma amostra aleatória, feita pelo IPM com base em diversos critérios, de 40 escolas que foram convidadas a participar. 39 escolas fizeram parte do projeto. Envolvermos 134 alunos entrevistadores e 1 professor de referência em cada escola. Esse grupo participou de 5 oficinas de capacitação em 5 escolas-pólos em diferentes locais da cidade. Ao todo foram entrevistados 2.194 alunos e 277 professores. O período de trabalho foi curto, de março a junho, e isso só foi possível com o envolvimento dos parceiros. Nós estávamos preparados para o projeto, mas dependíamos muito do outro lado, e as escolas e os alunos responderam de maneira surpreendente. As escolas ratificaram a importância do tema a ser trabalhado e ainda quiseram saber o que seria feito depois. Algumas escolas ofereceram sua sede para ser pólo de oficina e a logística para isto foi bastante complexa, tendo em vista a distancia entre as escolas.



Kátia Edmundo – Cedaps

“As questões do segundo segmento proporcionaram uma reflexão de questões que estão no cotidiano da escola e não são colocadas no âmbito da sala de aula.”

Realmente foi uma maratona! Destaco que foi surpreendente a adesão da escola, houve um envolvimento desde a formulação do questionário, aplicação e também de análise das informações resultantes da própria coleta. Todo o processo foi guiado pelos alunos e o professor de referência. Os alunos entrevistados adquiriram princípios da pesquisa, ética, valorização e respeito à opinião do outro, poder dialogar com o entrevistado, e os porquês da pesquisa. Foi um processo longo de revisão do questionário, tais como adaptação da linguagem, conforto para fazer determinada pergunta, se a pergunta fazia sentido e o próprio entendimento das questões e respostas. Alguns alunos falaram que aprenderam a ler em voz alta, a ler mais rápido, a ter menos vergonha etc. Foram ganhos do processo que são preciosos para a prática pedagógica.

Todo o trabalho foi voluntário. Os alunos se deslocaram de sua escola 5 vezes para uma escola pólo, acompanhados do professor de referência, num período de 3 meses. Eu destacaria que o aprendizado da metodologia em si, para os próprios professores, foi o que há de mais simples em termos de educação, que foi o processo mediado pela conversa, em roda. As questões do segundo segmento proporcionaram uma reflexão de questões que estão no cotidiano da escola e não são colocadas no âmbito da sala de

aula. A grande contribuição do Megafone foi vocalizar questões da escola e o percurso que já tinham passado, já que estavam no 8º e 9º ano. Os 5 pólos foram simultâneos em diferentes locais, o que mostrava bem a diferença entre as escolas, em especial de oportunidades que cada uma delas tem de participar de projetos como este.

Desenvolvemos também a análise participativa dos primeiros dados coletados. Eles puderam refletir, fazer outra leitura sobre os resultados e contrastar informações de alunos e professores. A cor da pele trouxe bastante debate, eles tinham dúvidas em como perguntar, e fizemos uma oficina focada nesta questão. A relação entre “mais velhos” e “mais novos” apareceu fortemente e resultou em uma recomendação dos próprios alunos de 8º e 9º para que eles fossem envolvidos no processo de acolhimento dos que estão entrando no 6º ano. Quando a escola tem algum tipo de estratégia para a passagem do 1º para o 2º ciclo, ela se dá sem os alunos. A diferença de interpretação entre adultos e adolescentes também apareceu. A metodologia é simples do ponto de vista pedagógico, mas conseguimos levar elementos bastante importantes para introduzir novas práticas de diálogo na escola.



Ilana Eleá – PUC - Mediadora da comunidade do Megafone no Orkut

“Convidamos os alunos a se expressar através das linguagens que eles se sentiam mais confortáveis.”

O registro do processo de pesquisa foi realizado através da comunidade Megafone na Escola no Orkut. Hoje somos 167 membros. Isso representa o convite dos alunos até para colegas que estão em outras escolas. Eu entrei no Megafone para pensar como o diário de campo poderia utilizar as linguagens e a expressão contemporânea através das mídias digitais. Nós convidamos os alunos a se expressar através das linguagens que eles se sentiam mais confortáveis, tais como fotografia, vídeo, gravação em áudio, desenho etc. para contar aspectos que não tenham sido contemplados nas perguntas fechadas do questionário. O movimento no Orkut continua ativo, os alunos continuam pensando como propor atividades para debater

o tema do preconceito e do *bullying* na escola. Hoje já são 5 professores na comunidade. O sentido da sociabilidade nesse espaço tem sido mantido não só para discutir as conseqüências e o planejamento do Megafone, mas como espaço de diálogo e sociabilidade.



Ana Lúcia Lima – Instituto Paulo Montenegro

Quando se apresentam dados, como na parte da manhã, ficamos um pouco fascinados pelo dado em si. O que vamos falar aqui vem de um processo de produção de dados por adolescentes a partir da opinião de adolescentes. Isso é mais rico que o dado em si, vamos tentar ver essas informações, que às vezes até confirmam dados mais válidos estatisticamente.

“O que vamos falar aqui vem de um processo de produção de dados por adolescentes a partir da opinião de adolescentes.”

Essa pesquisa só foi possível pelo conjunto e habilidade dos parceiros que se envolveram na história. A visão, clareza e competência do Desiderata na condução do processo e a manga arregaçada e a batalha do dia-a-dia do Cedaps tornaram o Megafone um exemplo de experiência bem sucedida. O desafio era como, a partir de adolescentes, levantarmos opinião de meninos ainda mais novos sobre temas que não são necessariamente do interesse deles.

Talvez o que mais distinga essa pesquisa de uma pesquisa mais técnica é a amostragem. As escolas foram selecionadas tecnicamente, elas representam o conjunto das escolas cariocas. Os alunos entrevistados foram selecionados por diferentes critérios: professor indicou, aluno entrevistador buscou ou o próprio aluno se apresentou para responder a pesquisa.

Perfil - Tivemos um pouco mais de meninas que meninos, o que não representa a rede, Quanto à faixa etária e a cor da pele, a amostra representa o universo. Os alunos entrevistaram 2.194 alunos e começamos o questionário com a trajetória escolar e atitude para depois usar isso como variáveis para cruzamento:

- 68% frequentaram educação infantil, 51% vêm de outras escolas
- 89% dizem saber ler e 71% fazer contas sem dificuldade
- 33% já repetiram de ano e 12% abandonaram a escola em algum momento
- 86% tem sonhos para o futuro e diz esforçar-se para alcançá-los
- 88% dizem que o estudo é importante para ajudar melhorar a vida
- 92% querem continuar estudando até a faculdade!

Entrevistaram também 277 professores, com o seguinte perfil:

- 70% mulheres, 41% entre 40 e 54 anos
- 87% professores de sala de aula
- 48% com mais de 20 anos de experiência docente
- Têm em média 5 turmas, entre o 6º e o 9º ano
- 35% dão aulas em outras escolas

A apresentação completa pode ser acessada em **outro arquivo**.

Pontos destacados na apresentação:

- Em geral, os alunos são mais positivos ao segundo segmento do que os professores imaginam que eles sejam em todos os blocos temáticos; com relação às matérias e mais professores, alunos preferem em geral o segundo segmento, mas ao mesmo tempo tinham mais facilidade antes, no primeiro segmento;

- Com relação a sugestões para melhorar as aulas, alunos e professores falam mais ou menos a mesma coisa, tecnologia toma um espaço maior na fala do professores, enquanto alunos ainda demandam também aulas de reforço e trabalhos em grupo;
- O tempo de aula de 50 minutos para os professores é adequado, porém para os alunos é muito pouco, pois não é suficiente para tirar dúvidas;
- Aulas mais dinâmicas foi um tema trabalhado nas oficinas com os alunos entrevistadores, e não é necessariamente que seja com um visual novo ou com tecnologia, mas que seja dinâmica também no sentido de diálogo, troca, conversa com o professor.
- A nota do bloco de relacionamento, tanto de professores quanto de alunos, foi a mais alta entre os blocos temáticos. Ou seja, o relacionamento é a parte mais bacana da escola.
- Alunos dizem que gostam de estudar e fazer trabalho em casa com os amigos e os professores acreditam que eles não gostam;
- Em geral a opinião dos alunos e professores é concordante, com exceção sobre a percepção de participação e incentivo da família para os estudos: alunos consideram que são estimulados pelos pais e professores não concordam.
- Quando eles sugerem sobre o que é preciso para fazer melhor as tarefas de casa, alunos e professores dizem que é preciso mais dedicação ao estudo, porém para os professores aparece fortemente maior participação da família.
- Algumas perguntas foram feitas apenas para os professores. Foi perguntado por que eles acham que tem uma grande evasão no segundo segmento. 22% preferiram não responder, talvez por não querer opinar para os próprios alunos sobre essas questões. Dos que responderam, a culpa está fora da escola, a família, o aluno não se esforça etc. Isso merece ser um pouco discutido.
- Uma outra pergunta dava ao professor uma gradação de opção do que ele pode fazer para mudar a realidade da sua escola. Permite identificar que pelo menos 1/3 dos professores está disposto a ajudar a mudar a realidade, se vê como parte da solução, e outra parte acredita que as soluções também passam por questões externas.
- Como facilitar a transição do primeiro para o segundo segmento: 13% acham que a comunidade deveria ajudar, é interessante que apenas 2% marcaram que os gestores públicos são atores fundamentais para promover essas mudanças.

“O que queremos com isso? Levar os resultados de volta para as escolas e fazer a escola conversar.”

Alunos e professores pensam igual, com exceção do bloco fora da escola, mas tem uma grande diversidade de opinião sobre as estratégias para lidar com as questões que apareceram. Para o que o Megafone gostaria de provocar nas escolas, não poderíamos ter melhor resultado: temos uma força de professores dispostos a transformar e esses resultados já podem provocar uma série de reflexões e ações coletivas. O grande desafio agora é como facilitar a leitura, interpretação e ações que possam derivar desses estímulos e do processo. O que queremos com isso? Levar os resultados de volta para as escolas e fazer a escola conversar.



Beatriz Azeredo – Instituto Desiderata

Fizemos um encontro com os alunos para apresentar os resultados e discutimos como levar os resultados para a escola. Surgiu a idéia de fazer o Dia do Megafone nas Escolas, um processo autônomo, por iniciativa da escola para discutir os resultados. Fizemos o material em quantidade para distribuir na escola, folders, fotos, cartazes, vídeos e a apresentação dos resultados. Cada escola tem sua estratégia, um vai fazer teatro, outro discutir no grêmio etc.

“A escola está cansada de coisas que vem de fora pra dentro e de ser pouco protagonista de sua agenda de mudanças.”

Fizemos também uma reunião convidando todas as escolas de segundo segmento, com a presença da Secretária Claudia Costin e 250 representantes de escolas, e lançamos um questionário *on line* para que todos os diretores pudessem responder. Conseguimos uma adesão de 72% e estamos tabulando esses dados e em breve teremos os resultados. Ao final do questionário perguntamos se ele gostaria de continuar debatendo este tema e de que forma, e 91% responderam que sim, sendo que 64% querem participar de grupos temáticos e 57% de fóruns anuais e 22% ofereceram suas escolas para sediar encontros. O que tem por trás dessa resposta tão viva? Certamente uma demanda por espaço de diálogo. A escola está cansada de coisas que vem de fora pra dentro e de ser pouco protagonista de sua agenda de mudanças.

As 39 escolas vão fazer o Dia do Megafone e terão a possibilidade de envolver pais e comunidade, fortalecer o diálogo com os gestores a partir dos indicadores, que dão um termômetro da sua escola e suas questões. A idéia é que isso seja considerado no projeto político pedagógico dessas escolas para 2011. Além disso, estamos olhando também para a rede como um todo e pensando como essa experiência pode ser aproveitada. Queria finalizar e aproveitar a presença de vocês para comentar as seguintes questões:

- Como essas escolas podem informar um processo de reflexão no nível central para pensar a rede como um todo? Em que medida a CRE também pode se envolver, Secretaria e parceiros?
- Como os indicadores, específicos para o segundo segmento e elaborados por região administrativa da cidade, podem colaborar com o direcionamento de políticas públicas educacionais?
- O que chamou a atenção nos resultados e na metodologia do Megafone na Escola?
- Como deflagrar um processo que faça sentido para a rede como um todo, que já foi iniciado agora, mas que é um processo de longo prazo?

Participação do grupo



Roberta Costa Marques – Instituto Desiderata

Como o questionário de diretores é mais técnico, onde adultos respondem um questionário de adulto, e também pelo seu alcance, adesão de 72% de diretores, será possível analisar esses resultados à luz de dados mais qualitativos dos questionários de alunos e professores do Megafone, dando mais qualidade e validade estatística aos dados.

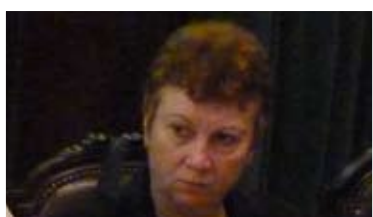


Marilse Araújo Ação Educativa - SP

Me chama a atenção a metodologia. Esse tipo de trabalho não traz as questões da escola apenas para o centro da conversa, ele legitima como objeto de conhecimento dentro da escola, aquilo que é problema enfrentado pelas pessoas da escola. Dizer para o aluno que a relação dele com o colega ou o que ele pensa sobre o professor é objeto de estudo, é legitimar o que ele pensa, o que é muito raro vermos na escola. Os conteúdos disciplinares são tratados de maneira muito dura. Em outras palavras: a escola está produzindo conhecimento, não está apenas transmitindo. Este é um dos grandes ganhos dessa metodologia e não é à toa que os alunos estão interessados, motivados por questões que estão vivendo no dia-a-dia. Quero dizer também que o Desiderata e a SME tem que ter alguma estratégia para que não se perca o trabalho que foi feito até o momento. A escola está acostumada a ser objeto de pesquisa e dificilmente ela é sujeito de pesquisa. Os resultados são importantes, mas devem ser considerados neste contexto. Muito mito é balanceado pela pesquisa, em relação à família, ao problema que é o segundo segmento, problema para quem?

“A escola está acostumada a ser objeto de pesquisa e dificilmente ela é sujeito de pesquisa.”

“Dizer para o aluno que a relação dele com o colega ou o que ele pensa sobre o professor é objeto de estudo, é legitimar o que ele pensa, o que é muito raro vermos na escola.”



Susana Sacavino - Novamérica

Queria valorizar o envolvimento do sujeito na metodologia, que coloca como ativos os alunos, professores e a escola. Sentir-se sujeito da pesquisa empodera a dinâmica interna da escola e esse é um ganho muito importante da metodologia.



Márcio da Costa Professor da Faculdade de Educação da UFRJ

Os resultados são previsíveis. Com relação à metodologia, eu sou ortodoxo. **Como pesquisa** tem muitos problemas, tem vieses severos, na escolha de quem é o entrevistador, de quem é o entrevistado. Não é inválido lidar com percepções, mas me parece que essa modalidade é mais rica como intervenção do que como pesquisa. **Como intervenção** ela é muito interessante. Pareceu-me ter capacidade de ação nesse segmento, e de influenciar o clima escolar, que sempre aparece nas pesquisas mas é difícil de detectar. Tem um elemento relacional nas escolas que parece fazer diferença e, muitas vezes, aparece personificado na figura da direção, que catalisa o que chamamos de ambiente da escola, em parte porque ela é uma protagonista importante nisso, mas também é produto disso. E essa iniciativa tem capacidade de mobilizar esse elemento relacional que é riquíssimo nas escolas e especial em um segmento onde a evasão começa a acontecer. Penso como deve ter sido rica a experiência para os meninos que participaram e como tem um possível efeito multiplicador.

“Seria importante pensar como esse projeto pode conduzir a transformar a escola em um ambiente de mais aprendizado e desenvolvimento, para além de um ambiente agradável.”

A minha questão é até que ponto esse tipo de experiência consegue atingir aquilo que toda pesquisa vem mostrando que tem impacto na escola: **o foco no aprendizado**. Porque ela é inevitavelmente focada na sociabilidade, que conduz aprendizado. Eu já encontrei escolas com indicadores educacionais muito ruins e os alunos muito satisfeitos com a escola, isso não é incomum. A população brasileira é satisfeita com a escola e talvez por isso temos as piores escolas. Seria importante pensar como esse projeto pode conduzir a transformar a escola em um ambiente de mais aprendizado e desenvolvimento, para além de um ambiente agradável.



Ana Helena Altenfelder – Cenpec - SP

Achei muito interessante a flexibilidade da amostragem para atender os objetivos da pesquisa. Isso é um ganho para a pesquisa em educação. Talvez não possamos generalizar os dados do ponto de vista estatístico, mas a pesquisa aponta para a construção da compreensão e do conhecimento da escola. Bastante interessante o cotidiano da escola como objeto de reflexão, e é inegável a contribuição para os alunos, mas sem dúvida para os professores. Eu imagino que o cotidiano da escola precisa ser melhor entendido e apreendido. É muito difícil para o professor quebrar os preconceitos e generalizações expressas na maneira de olhar o aluno e a família. Ele está imerso nisso, junto com a cultura escolar e o clima que reforçam isso. O próprio processo de pesquisa faz o professor pensar, é mobilizador, é um processo formativo. Ações que podem socializar o conhecimento produzido na escola tem um poder de reflexão e formação bastante interessante. Quanto aos resultados, acho que quebra paradigmas importantes, não só para os professores que estão presos no cotidiano, mas também para as outras organizações que pensam a educação.

“O próprio processo de pesquisa faz o professor pensar, é mobilizador, é um processo formativo.”



Ricardo Petracca – MultiRio

Acho que essa pesquisa é mais importante como processo do que como resultado. Acho que estamos diante de uma questão de protagonismo da escola e isso gera uma motivação para proposição de soluções. E, os alunos e professores, como atores dessas proposições, já se apropriam de imediato do que vem de cima. Talvez uma forma de estender isso para a rede como um todo é que seja uma ferramenta que promova reflexão e a proposição das escolas para lidar com algumas questões.

“Uma forma de estender isso para a rede como um todo é que seja uma ferramenta que promova reflexão e a proposição das escolas para lidar com algumas questões.”



Kátia Edmundo – Cedaps

“Quando propomos que um grupo de alunos investigue as questões do segundo segmento, trazemos uma dimensão da aprendizagem coletiva.”

Temos recomendações de ações geradas a partir do processo, por exemplo: apropriação dos grêmios escolares da metodologia, apropriação por diretores que vão liderar novas ações parecidas etc. Isto é, foi um processo metodológico que ajudou a disparar processos reflexivos, num contexto hoje onde a escola não assume um compromisso coletivo pela aprendizagem, é ainda um compromisso individualizado. Quando propomos que um grupo de alunos investigue as questões do segundo segmento, trazemos uma dimensão da aprendizagem coletiva. Acho que precisamos tocar no desempenho individual, mas isso deve se dar dentro de um contexto, porque sem contexto, a aprendizagem é pouco interessante, ainda mais quando você tem 14 anos. A escola só vai ganhar sentido se o aprendizado for coletivo, em especial no caso da adolescência. Se conseguíssemos conciliar o legal de estar na escola, porque existem os amigos, com valor que eu atribuo à aprendizagem com sentido coletivo vai fazer diferença.

No caso do Megafone, há uma questão básica, se conseguimos que a escola que participou assumira o compromisso em relação a discutir e buscar ações voltadas para o segundo segmento, nós atingimos o objetivo. Temos um processo metodológico, de consulta participativa, que gera recomendações e ações dentro da escola. Sinto que tem uma capacidade de apropriação por parte das escolas que participaram, alunos e diretores que devem ser envolvidos na disseminação disso.



Elvis Bonassa - Kairós

Ouvir os estudantes, ainda não é participativo ou empoderador. Vai ser quando eles se mobilizarem para cobrar ações concretas. Vai deixar de ser uma ferramenta de investigação antropológica para ser reivindicatória. Se a escola agir de maneira autoritária para impedir a fala do aluno nesse momento, o processo acabou. Tem um aspecto de politização disso e de aprendizado pelo conflito dentro da escola que tem que ser levado em conta.



Ilana Eleá - PUC

Assim como eles se apropriaram da metodologia e da postura investigativa, ao mesmo tempo foram 3 alunos por escola. Qual é a força que isso tem na continuidade? Meu medo é achar que toda essa riqueza possa se perder no tempo se esses e outros alunos não continuarem recebendo capacitações que os formem enquanto investigadores sociais e capazes de expressar suas idéias através das redes sociais. Quando o professor se apropria dessa ferramenta, que é um contato direto com aluno através

das redes sociais *on-line*, para saber sobre um tema, e dialoga com eles, isso tem que ser feito. Eu proporia uma formação de professores continuada mais pesada em relação à apropriação das tecnologias e, principalmente, das redes sociais para a manutenção do contato e do diálogo com esses alunos de forma permanente. E para os alunos, a continuação da formação como investigadores sociais.



Beatriz Azeredo – Instituto Desiderata

Para além da pesquisa, as escolas têm interesse em continuar a refletir. Tem professores que têm interesse em conversar com outros professores de outras escolas, alunos que querem falar sobre o megafone nos grêmios, tem um potencial de multiplicação. **Ficam algumas perguntas para os gestores e organizações de fora da escola:** como apoiar esse processo? Como esse processo autônomo do dia-a-dia da escola dialoga com políticas que estão sendo gestadas? Como se pode potencializar uma agenda do nível central com uma mobilização na escola? Em que medida isso dialoga com a agenda da secretaria?

Em que medida é importante para a secretaria esse canal de diálogo que foi aberto com as escolas? Como estimular e fortalecer esse canal com as escolas? Como mobilizar professores e diretores? Qual seria nosso papel nisso? O que podemos fazer para ajudar a manter esse canal? Esse é nosso compromisso institucional, que faça sentido para a rede e para a agenda da SME.



Rafael Parente – Subsecretário de Projetos Estratégicos da SME

A agenda da SME tem que ser intimamente relacionada a essa escuta. Buscamos as melhores maneiras para intervir. Questões do segundo segmento como evasão, repetência, desinteresse, reclamações dos professores já chegavam até a gente, mas não com os instrumentos e qualidade que esse projeto trouxe. Intensificou-se a comunicação entre a ponta e a secretaria, o Desiderata trouxe coisas interessantes e a partir daí temos que agir sobre essas questões. Ao decidir agir temos que escutar se essas ações tem algum tipo de impacto ou não.

Gerencio a Educopédia, que é um projeto que já surgiu para responder algumas demandas do segundo segmento que saíram nessa pesquisa. Estamos atentos ao que o Instituto Desiderata está fazendo. É importante olharmos para o que já está acontecendo na rede e no nível central. Como levamos as pessoas a refletir sobre si mesmos? Como posso fazer para melhorar o que está acontecendo na minha escola? Como utilizar coisas que estamos fazendo. Por exemplo, o portal RioEduca vai tentar estimular as trocas e melhorar a comunicação na rede.



Simone Monteiro – SME

Queria registrar que achei fascinante esse processo. Eu vi o Megafone nascer nas primeiras reuniões com o Desiderata, onde pensávamos como realizar essa escuta para identificar esse campo e a partir dela uma ação. Pessoalmente e profissionalmente estou empenhada para que essa bagagem e experiência não fiquem por aí, pois acho que é uma riqueza significativa para tudo que realizamos e percebemos.

“Acho que é um processo que deve ser apropriado por nós da SME como instituição e pela escola como um a tecnologia de processo de discussão.”

Do ponto de vista da pesquisa e do processo, sem dúvida o desafio é ouvir o aluno pelo próprio aluno. Isso se impõe a qualquer pesquisa que se propõe a ouvir o outro e, sobretudo, o outro que é o adolescente com características próprias e o quanto isso é complexo. Só isso dá para discutir muita coisa.

Na pesquisa, os professores mostraram de uma forma simples um discurso histórico que é a questão da culpa. A culpa é do outro e eu estou fora desse cenário. Tenho curiosidade sobre algumas coisas: como você forma um leitor se você não é um leitor? Como ele se vê na relação interpessoal dentro da escola com seus pares? São questões interessantes e podem agregar elementos importantes para um processo futuro. Como podemos aprofundar algumas questões ou inserir outras e talvez utilizar esse espaço

como marco zero do trabalho. Os alunos que estavam esse ano no 6º e 7º ano, ano que vem estarão no 7º e 8º e em 2012 no 8º e 9º ano. Talvez fosse legal que esses meninos entrevistados pudessem ser os entrevistadores. É interessante pensar o olhar do aluno e o que aconteceu com as 39 escolas nesse período de tempo.

Outra coisa que acho fundamental, mais do que o Megafone como uma metodologia de investigação, acho que é um processo que deve ser apropriado por nós da SME como instituição e pela escola como um a tecnologia de processo de discussão. É urgente que busquemos avançar na sistematização do processo, pois ela é única, com características muito próprias, em um contexto com interface com várias instituições, com um refinamento para que subsidiem uma tomada de decisões. Talvez a escola não chegue a esse refinamento; usar a metodologia para a debater questões que ela acha interessante é um nicho. Estou preocupada em pensar como traduzir essa metodologia de trabalho para que possa ser apropriada pelo coletivo.

Embora não saibamos como dar continuidade, sabemos que tem um potencial a ser apropriado aproveitado e desdobrado nesse contexto de trabalho. Seja na formação de professor, do aluno, pela politização da participação, penso que podemos nos apropriar da metodologia, que não é inaugural da escola parar para refletir suas questões. Na rede temos espaços estabelecidos que a escola aproveita mais ou menos. Como se apropriamos disso como gestor na política pública, para não ficar uma coisa reivindicatória, de atender à demandas. Estamos sensíveis à escola como fala para pautar nossas ações, mas também percebemos a necessidade de olhar com mais atenção para investir nessa escola, de avançar a partir da própria escola. Quando falo na apropriação é importante que seja de fato uma apropriação para não ficar uma imposição de uso de uma metodologia, apenas de fachada. Pensar formas efetivas de isso ganhar espaço na rede e se preocupar com um caminho de mão dupla: não só ouvir para dar resposta, mas sim gerar questões a partir disso aí.

Queria retomar o início da conversa e jogar a bola para o Desiderata. Havia uma idéia de pensar um processo de escuta, que servisse como um grande diagnóstico, que dentro de muitas demandas da rede e inúmeras possibilidades, possamos selecionar onde podemos propor e atuar. Escolas ligavam para a SME querendo entrar no Megafone e vimos que o projeto acabou virando “a ação” que o Desiderata estava fazendo em parceria com a SME, mas não era, pois ele era o começo da conversa e não o fim em si mesmo. O processo vivido ganhou força de identidade própria, mas ainda é um começo de conversa. A partir dos resultados dos questionários on-line, a sistematização da metodologia, as questões abertas que trazem riquezas, colocar as coisas e aí teremos uma nova rodada.

Encerramento



Beatriz Azeredo – Instituto Desiderata

É exatamente isso, começar por um diagnóstico, e que isso ilumine um próximo passo. Mas ainda estamos em meio a entender esse diagnóstico, agora ainda mais com os questionários de diretores. Nesse questionário, perguntamos o que eles já fazem para lidar com as questões do segundo segmento. Como identificamos coisas boas da escola e damos visibilidade a isso e fazemos isso circular. Ainda vai chegar muita coisa nova nessa conversa. Essa continuidade precisa estar dialogada com a Secretaria, refletir

junto com os diretores. A grande maioria deles quer continuar a debater, ou seja, temos uma questão. Como dialogamos com eles sobre esses resultados? Tem muito dever de casa pela frente.



Roberta Costa Marques – Instituto Desiderata

Acho que vale dizer que em geral as pessoas têm dificuldade de entender o que o Desiderata faz: nós não somos uma instituição de pesquisa, não temos edital para financiamento de projetos, não damos bolsa etc. A idéia de construção coletiva é muito inovadora. Esse é realmente um começo, queremos aprofundar o relacionamento com as escolas e a SME, valorizar a opinião da escola, naquela linha de não oferecer mais uma coisa pronta para a escola ou para a SME. Esse formato de construção é ainda mais complexo em uma rede de 400 escolas. Na área de oncologia pediátrica, já vimos trabalhando nesse formato

há 5 anos, mas em outra escala e outra questão. Foi criada uma política pública de diagnóstico precoce, juntamente com os centros de tratamento públicos e todas as instancias de governo, federal, estadual e municipal.



O Instituto Desiderata é uma organização sem fins lucrativos que, desde 2003, atua no Rio de Janeiro com o objetivo de contribuir para o processo de transformação e inclusão social de crianças e adolescentes, nas áreas de Educação e Oncologia Pediátrica. Para isso, o Desiderata trabalha em parceria com instituições públicas e privadas na formulação, implementação e financiamento de programas que venham a contribuir com o fortalecimento de políticas públicas nessas áreas. Na área de Educação, o Instituto Desiderata tem como compromisso a melhoria da qualidade no 2º segmento do ensino fundamental.